

INFÂNCIA QUE BRINCA ENTRE OS DESLOCAMENTOS DO PENSAMENTO, DO TEMPO E DA EXPERIÊNCIA INVENTIVA: POTÊNCIA DOS BONS ENCONTROS

MEDEIROS, Fernanda Vieira de
fernandavime@hotmail.com

Professora na Prefeitura Municipal de Vitória

Resumo: O artigo potencializa alguns encontros com a escrita de Deleuze. Deslocamentos para pensar o Pensamento, o Tempo e a Experiência que se compõem com o sentido e a vida das palavras e se constituem com as invenções de uma infância bonita. Os conceitos produzidos com os atravessamentos de ideias de diferenciados autores produzem contornos, fissuras e nuances no jeito de existir. Desejamos um encontro, possibilidades de vida que entram por uma conversa. Um encontro em sua potência de vida e de alegria, outras conjugações de um estilo desenhado com o verbo *devenir*.

Palavras-chave: Infância. *Devenir*. Encontro.

DESLOCAMENTOS...

O sentido é a vida das palavras e insiste nelas como acontecimento
(MAXIMILIANO VALERIO LÓPEZ).

Um começo não diz o início exato de onde escrevemos, talvez, suscite um lugar que acontece com a vida da palavra ao ser pronunciada e sentida. Ensaíamos, então, de início ouvir as palavras, e, desejamos o encontro com inúmeros atravessamentos que as produzem. De maneira processual escolhemos a multiplicidade dos começos para percorrer um plano labiríntico de um tempo que pensa a infância e a infância que se pensa. Plano marcado por diversas entradas e saídas que enlaçam as dimensões entre Palavra-Pensamento, Palavra-Tempo, e Palavra-Experiência. A palavra envolve as possibilidades de sentidos e os entrelaçamentos de conceitos que diferentes autores extraem dos *acontecimentos*³¹ e da força filosófica de pensar o pensamento, o inesperável, inencontrável (KOHAN, 2005).

Os conceitos de Pensamento e Tempo na filosofia de Deleuze e de Experiência na obra de Larrosa, conjuntamente com outros autores, configuram algumas questões desse artigo que se compõe com o sentido e a vida das palavras. O acontecimento traz em si um encontro filosófico, o que pode a infância? Conversas que se estendem com as ideias de Walter Kohan, René Schérer, e, outros. Uma possibilidade de acreditar não no que as palavras dizem, mas na força do encontro ao serem pronunciadas e ouvidas. “O que dizem as palavras não dura. Duram as palavras. Porque as palavras são sempre as mesmas e o que dizem não é nunca o mesmo”

³¹ DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Pró-Discendente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Progr. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 18, n. 2, jul./dez. 2012.

(PORCHIA apud LÓPEZ, 2008, p. 70).

Sendo assim, destacamos a possibilidade de uma aventura entre voos e pousos que se ligam e se desligam o tempo todo com os processos de criação de conceitos, um modo de cavar territórios com o conhecimento invenção (KASTRUP, 2010). Como a vida, o tempo não é linear, logo, a complexidade do que se desliga, acontece no tempo da experiência com o impensado, o inaudito, com as circunstâncias provocadas em alguns encontros, e, podemos dizer à maneira de Spinoza alguns bons ou maus encontros. Acreditar e viver bons encontros aumenta a potência de agir, que é uma maneira de afetar e sermos afetados. “A afecção é o estado de um corpo quando ele sofre a ação de outro corpo, é uma ‘mistura de corpos’ em que um corpo age sobre o outro e este recebe as relações características do primeiro” (MACHADO, 2009, p.74). Um encontro que nos passa, nos toca, nos afeta, implica em uma aventura também com a criação de conceitos. É um desafio que propomos: deixar ser afetado pelas dimensões da Palavra-Pensamento; Palavra-Tempo e Palavra-Experiência. O conceito ligado a essas palavras agarra-se em múltiplos componentes que traçam diferentes sentidos e maneiras de pensar, como nos diz Deleuze (2009, p. 33):

O conceito é, portanto, ao mesmo tempo absoluto e relativo: relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. É absoluto como todo, mas relativo enquanto fragmentário. *É infinito por seu sobrevoos ou sua velocidade, mas finito por seu movimento que traça o contorno dos componentes.* (grifo do autor)

Os conceitos deslizam, ressoam e modificam. Há vida latente de possibilidades, contornos, fissuras, outros modos de pensar e de existir: nuances no pensamento, no tempo, na experiência, que por ora, inventa um jeito de ser palavra, através de uma conversa com alguns autores, ou posso dizer alguns “amigos”, como personagens conceituais de uma relação mais estreita e intensa. Um encontro que potencializa a vida, força o sentido, o acontecimento. Entra por espaços escorregadios, improváveis. Puxa linhas de existência que podem produzir uma infância bonita. Isso dá o que pensar.

PALAVRA-PENSAMENTO

E pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (JORGE LARROSA).

Pensar o pensamento com a intensidade do sentido de pensar. Por que pensar? Em que consiste a vida do pensamento? Por um tempo longo, a filosofia como reflexão e sabedoria, fez história de si e do pensamento, uma via contemplativa, para ensinar a pensar, levar o outro a pensar por determinismos ideológicos de uma verdade representacional e justa. História da filosofia como reprodução do sentido da vida, do homem, da sociedade que prende o pensamento do Ser em sua plenitude, integralidade. Na contramão dessa história, por outras linhas de pensamento enunciarmos o que escapa a esses modelos, o que força a existência de outros modos de ser e de existir, uma vida intensiva dos encontros que acontecem no “meio” das descontinuidades do tempo.

Por isso, acreditamos que faz toda diferença pensar diferente, e, López (2008, p. 11) nos instiga quando faz uma distinção entre saber e pensar. “Enquanto o saber diz respeito à informação, à memória, o pensamento tem a ver com o acontecimento, com o sentido, e o sentido não é algo que se possui, mas uma relação que se estabelece”. A vida do pensamento, nesse sentido, acontece nos espaços fluidos, movediços, conflitantes do plano de imanência (DELEUZE; GUATTARI, 1997) que é como um corte do caos, horizonte absoluto. Um plano não-linear, com curvaturas, concavidades, convexidades, dobras, uma intensidade do pensamento que reivindica o movimento do infinito.

O pensamento capta e ressoa a exterioridade. É uma relação que se estabelece com o Fora, com o acaso. Um pensamento que desarticula funções estruturadas, significados fundamentalistas, e, inventa problemas, alimenta-se do novo, do não pensado, da arte dos acontecimentos, que é o sentido do pensamento enquanto relação com o que lhe é exterior.

O acontecimento se relaciona aos estados das coisas, mas como atributo lógico destes estados, completamente diferentes de suas qualidades físicas, se bem que ele lhes sobrevenha, neles se encarne ou neles se efetue. O sentido é a mesma coisa que o acontecimento, mas desta vez relacionado às proposições (DELEUZE, 2003, p. 171-172).

Pensar é criar conceitos que insistem no novo, no diferente, na multiplicidade. O pensamento sobrevoa por dois espaços (MACHADO, 1990, p. 14-15): “o espaço da imagem do pensamento, que é dogmático, ortodoxo, metafísico, moral, racional [...], o espaço do pensamento sem imagem, que é pluralista, heterodoxo, ontológico, ético, trágico”. Dois espaços paradoxalmente produzidos em contextos próprios, vividos em um tempo de possibilidades, de um possível, pois, a vida oscila entre o estabelecido e o que se estabelece, entre o real e o infinito, entre a morte e a liberdade, perdendo-se em múltiplas conexões. Importa tender ao infinito, ao que não se esgota, não se limita, nem pode ser determinado apenas por alguma representação. É

um pensamento em luta com as forças externas, pensamento nômade, contrapensamento, experiência que ultrapassa, estende-se, produz deslocamentos.

A Palavra-Pensamento, ainda em questão, considera que “pensar é seguir a linha de fuga do voo da bruxa” (DELEUZE, 2009, p. 59). Um respiro diante da ordem, uma aventura desarticuladora do modelo formalizado das linhas duras. Voo traçado de acasos, de um possível ilimitado, seguido de contornos do passado e do futuro, que acontece num presente da véspera e do amanhã, do mais e do menos, do ativo e do passivo, da causa e do efeito (DELEUZE, 2003). Pensamento: uma palavra que subsiste, como já dissemos, insiste em criar, força o sentido, o acontecimento vital para a produção do novo, de si, da vida. Criar, então, é a sua mais alta potência.

PALAVRA-TEMPO

Como a gente se torna o que a gente é (NIETZSCHE).

O tempo, enquanto cruzamento das palavras *Chrónos* e *Aión*, nos aproxima de alguns acontecimentos conceituais da filosofia. Por ser *Chrónos*, o tempo é o presente, o único que existe e se prolonga em passado e futuro. Ele é o movimento regulado dos presentes vastos e profundos (DELEUZE, 2003). Como tempo que classifica, é terrificante, opera de modo parcial, sendo inseparável dos corpos, e, é apenas um tempo em que a consciência absorve, o tempo cronológico, pertencente de um presente, passado e futuro contínuo.

Pensar a palavra *Aión* e a relação do tempo com a vida que passa e morre a cada instante coloca-nos em um lugar desterritorializado, sinuoso e envolvido de acasos, ou seja, um tempo de duração deslizante, como uma perturbação que provoca o limitado presente a um voo: lançar-se para o infinito, para eternidade, em uma aventura que furta o presente totalizante dos tempos, e, o conduz a uma temporalidade mais profunda, fugidia, a um mundo novo de um tempo que insiste em morrer.

Segundo *Aión*, somente o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo (DELEUZE, 2003, p. 169).

Com Deleuze podemos adentrar em outras questões acerca do tempo a partir da hipótese de *Parmênides* do “agora” e do “instante”. *Aión*, assim, é povoado de efeitos, absorve os sons dos

acontecimentos incorporais, é pura forma vazia do tempo, de modo que, “não é mais o futuro e o passado que subvertem o presente existente, é o instante que perverte o presente em futuro e passado insistentes” (DELEUZE, 2003, p. 170). O instante, um vazio que se dá a existir, tempo fugaz e intenso.

Deleuze investiga a complexidade da duração, ideia de tempo produzida por Bergson que “não é somente experiência vivida; é também experiência ampliada, e mesmo ultrapassada; ela já é a condição da experiência, pois o que esta propicia é sempre um misto de espaço e de duração” (DELEUZE, 2004, p. 27). Há nesse estudo acerca da duração, interessantes desconstruções do tempo sucessivo, do antes e do depois, de modo que, coexistem presente e passado. Presente que passa e passado que se conserva. Tempo-duração que desafia hierarquias, rotinas, o mesmo perverso tudo igual da vida engessada em determinismos e valores do bem e do mal. Tempo de viver com a potência de agir aumentada pelos bons encontros, pelo poder de ser afetado.

PALAVRA-EXPERIÊNCIA

Acho que o quintal onde a gente brinca é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas (MANOEL DE BARROS).

A cada ano que passa ou a cada desafio vivido, pensamos em nossas experiências, em nossas mudanças ou permanências, e, muitas vezes nos sentimos mais experientes, mais maduros. Quando damos conta de acompanhar o que acontece na mídia, sentimos o poder da informação que afeta nossas opiniões, e, pensamos saber mais. Com o ritmo acelerado que vivemos na sociedade do trabalho consideramo-nos com maior experiência. Porém, a experiência que pensamos ter está sendo cancelada, como um esgotamento de sentidos, se poderíamos dizer, de uma pobreza do ser, justamente pelo consumo desmedido de informação, do excesso de opiniões e do selvagem mundo do trabalho (LARROSA, 2004). É urgente um conceito de experiência, um elo de vida e palavra, uma transformação que nos passa, nos toca, e, assim, nos mova (movimento de produção de sentido) diante do lugar idealizado e representacional do conhecimento.

Como traduzir sons, cheiros e modos de ser dos encontros agenciados³² com a

³² Ver Deleuze, Diálogos, 1998. “É isso agenciar: estar no meio, sobre a linha do encontro de um mundo interior e de um mundo exterior”.

experiência? Como acontece a experiência que se dá a conhecer? O que ela nos evoca, nos pergunta? Suas implicações configuram outros pensares, outros dizeres (...). A experiência nos coloca entre a vida que fala, que esbraveja, silencia-se, que se dá a conhecer, que acontece nos lugares e não-lugares, ora é visível ora não-visível. Um encontro de múltiplos sentidos, de afetos, de uma interrupção que cria aberturas, deslocamentos, como nos diz Larrosa (2004, p. 160):

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, [...] cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Há experiências que potencializam a vida, a alegria, o conhecimento, são encontros, *acontecimentos*. Nesse sentido, o que nos toca, nos passa, enlaça o que nos tornamos em cada encontro com o outro. Uma possibilidade de demorar-se nos detalhes. Ouvir com todos os sentidos. Degustar com a intensidade e a duração do tempo, de uma vida efêmera, descontínua, entremeada de gestos, cruzamentos de valores, crenças, uma multiplicidade do ser. É uma potência transformadora, vivente, que traz vida, e, aquilo que nos toca, nos faz parar, nos arrebatava para tantos devires.

Falar da palavra-experiência nos aproxima do pensamento e do tempo que dura a infância, e, Kohan (2005, p. 239) diz que: “A infância é a condição de ser afetado que nos acompanha a vida toda”. Sendo assim, uma vida bonita que pensa os movimentos inventados com a infância desloca-nos para o encontro entre os nós das palavras Pensamento, Tempo e Experiência: tessitura do sentido de infância e do devir-criança.

Pensar o devir-criança e os lugares da infância que se constituem no cotidiano da vida, da arte, do encontro que acontece nas fronteiras, nos desvios, no instante do tempo *aiónico*, em que não há sucessão nem consecutividade, mas a intensidade da duração (KOHAN, 2004), torna-se um desafio. Uma experiência que traduz a intimidade do encontro, modos de existência outros, como possibilidades de vida. Encontro com o outro, enlaces do tempo *chrónos* e do tempo *aión*, coexistência dos espaços do pensamento, vida em potência que enrolada em um presente limitado pode ser infinito. Infância como condição da experiência engendrada com os elementos da configuração do conhecimento invenção que coloca a ciência moderna em constante movimento de transformação, e, cria novas perguntas, problematizações ligadas e conectadas ao sentido, ao acontecimento que se propaga entre mundos, ideias, pensamentos, conceitos, afetos.

INFÂNCIA E DEVIR-CRIANÇA

Dirigir-se à criança em sua própria infância: permitir-lhe que, em vez de desabrochar, como se diz impropriamente, ela venha a expandir-se; em vez de se identificar, ela se disperse em uma multiplicidade de novas relações (RENÉ SCHÉRER).

O pensamento que ainda apresenta a infância como a primeira etapa da vida, um tempo sucessivo, cronológico, bem definido pelas etapas do desenvolvimento, descreve também, uma maneira limite, finita de pensar. Por outro lado, o pensamento que vive entre o possível e o impossível, o lógico e o ilógico, é atravessado pelo tempo duração, onde coexistem todos os tempos, logo, é um pensamento que alcança o infinito, que se dá a existir, e, resiste, insiste como devir, força a experiência. O devir, então, é a escapada, a linha de fuga da infância. Assim, “a criança molecular é aquela que se aborda através de seu meio, que se abre aos diversos dados dos sentidos e das coisas” (SCHÉRER, 2009, p. 207).

As implicações do devir-criança produzem rupturas, desvios, contornos, apontam atitudes para pensar a infância que se desprende da concepção linear do tempo. A infância como condição da experiência, envolvida com os fluxos moleculares, as linhas de fuga, e, que Kohan (2004, p. 61) faz algumas entonações: “Enquanto os segmentos molares concentram, centralizam e totalizam, os fluxos moleculares vazam, escapam à captura, se conectam na diversidade, fogem da centralização e da totalização”. Assim, a infância em sua composição molecular, inventa modos de ser e de agir para perfurar os espaços hierarquizados e controlados da educação infantil.

Imersos no tempo que controla, encaixa os fatos, e no pensamento que reduz, territorializa, transitamos no tempo duração, tempo da vida, do instante, e, no pensamento que cria, desterritorializa. Portanto, os deslocamentos, as transformações, se dão nos dois sentidos (molares e moleculares), e, insurgem lá e cá, como idas e vindas, lançam-se e retornam-se, bem como potencializam a existência da infância ampliada, descolada dos rituais e das rotinas que demarcam os limites das práticas escolares. Experiência que faz o novo acontecer. Experiência do infantil, crianceirar, meninar³³.

A infância desenhada com os sentidos produzidos pela vida das palavras que atravessaram esse artigo interroga os territórios da escola, suas rochas, seus acidentes normatizadores, bem como cria resistência, rachaduras, cortes. A criança com sua potência de ser, desafia o estabelecido, o mesmo, e, corre o risco, arrisca-se, enfrenta o campo das possibilidades, sobrevoa no que há de singular da multiplicidade de desejos e pensamentos, e,

³³ Conceitos produzidos por Sandra Corazza que evita valores pejorativos, como, “infantilizar”. Ver Kohan, lugares da Infância: Filosofia, 2004.

povoa os lugares da escola sempre no *meio*, no encontro. Devir-Louco, revolucionário, potência de vida e de alegria.

ÁGUA QUE JORRA NA LÍNGUA DAS CRIANÇAS³⁴

Escorre nas palavras das crianças outras águas, cachoeiras de ideias, correntezas de conexões. Água que foge entre os dedos. Escapa dos percursos definidos, “dança fora do leito”. Em contrapartida um rio calmo e raso parece prevalecer no tempo da estrutura escola: um livro nas mãos marca o lugar ainda em destaque da professora explicando a importância da Água, sua utilidade. Contando a história, apresentando imagens, formando rimas, ela desenvolve algumas marolinhas discretas, enquanto, na cabeça das crianças forças invasivas desmontam barreiras, arrastam pedras (vogais, consoantes, nome próprio...), e, promovem inundações de outros conceitos, ondas de pensamentos ferozes, avassaladores. Pensar a produção discursiva a favor da água faz muito bem, também “mata a sede”, no entanto, as conversas das crianças dizem de que sede? As águas que estão rolando inventam que mundos?

As crianças derramavam suas invenções. De um lado, frases do livro com rimas meio previsíveis, do outro lado da cena, metamorfoses aquáticas dos versos infantis borbulhavam em diferentes inundações: “*água não nasce...?*”; “*na praia tem guarda-vida*”. As conversas foram desembocando em um mar de possibilidades, momentos sublimes de um devir-livro. As determinações da gramática convencional nadavam em outros sentidos, outros desejos, pensamento ativo, outra língua que na boca das crianças fala entre espaços de vida.

Explicações de que a água nasce na fonte... ideia que para as crianças parecia não ter fonte... E, a professora completava: “Depois vamos conhecer o que é uma fonte...” Talvez, no momento em que a professora pronuncia o nome de quem escreveu a história que estava sendo contada, autora Ingrid Bellingshausen, uma profunda “fonte-pista” encontra sentido. Com emoção, *Celimar*, relaciona a fonte/autora a uma nascente que no momento se fazia mais próxima, e, sorratamente, baixinho, exclama: “... *Amy Winehouse já morreu*”. Surpresa de uma rima tão viva e que a pouco havia morrido. Essa língua que naquele instante pede passagem, se choca com a muralha do a priori, dos fundamentalismos receituários – deixando de lado o acontecimento, outras escutas. Sendo assim, a aula/saber se projeta nas finalidades, nas

³⁴ Produção de dados constituídos com a pesquisa de Mestrado. Experiência cartográfica de algumas conversações atualizadas em um Centro Municipal de Educação Infantil de Vitória. Composições que transitam no pensamento de uma infância que fala outra língua na língua maior. Invenções possíveis dos deslocamentos das ideias, dos desejos enquanto linhas de fuga – criar modos de existência, possibilidades de vida. Pró-Discendente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Progr. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 18, n. 2, jul./dez. 2012.

respostas que definem o curso da água para o bom entendimento daquele conteúdo que seguia rimando “alho com bugalho”. Tantas outras questões ficam submersas nas linhas de fuga das crianças.

O pensamento nos pergunta acerca de tantas conexões que fluem e flutuam no terreno da escola. O que queremos escutar? Damos passagens a que língua? O que fazemos com as interferências das crianças? Elas provocam deslizamentos de barreiras, fazem infiltrações nos esquemas lógicos e garantem velocidades radicais.

Sentir um espaço de insegurança, de não saber, pode ser uma experiência movente na vida do professor. Depois das inúmeras gotas de água, com seus pensamentos inesperados escorrerem na sala de aula, saímos para um cafezinho com a professora. Entre conversas... uma gota de risada: *“Não vão rir de mim... eu não sei falar o nome dessa autora”*. Brincamos com essa fala dita pela professora às crianças... Momento de perceber os desdobramentos das relações. Falar o nome da autora, um agenciamento, um corte, uma possibilidade de não saber dizer, sentimento-atitude da professora que contava a história, e, também uma descolada entonação do nome da cantora Amy Winehouse (lembração, sonoridade que grita em tom “grave” outros possíveis) na voz intrigante de Celimar fez jorrar naquele instante uma ligação de sentido com rimas incisivas. Ingrid Bellinghausen-Amy Winehouse. Expressamos na conversa com a professora que distorções da língua são criadas pelas crianças. Suas conexões são tão intensas. Elas entram por torrentes de águas, se relacionam com o mundo que a vida traz em si, escoam diferença. “Fazer escorrer a chuva antes que essas poças sequem, fazer da chuva água, enxurrada, enchente, caos. Ler as entrelinhas para que a imprecisão se faça. De preferência, ler distraidamente linhas e entrelinhas (AMORIM; OLIVEIRA JR, 2011, p.9)”.

Pensamentos em bolhas. A escola insiste em configurações do tipo frases feitas. Mas há que se experimentar a brincadeira de correr atrás das bolhas para estourar algumas..., algumas poucas, ao alcance daqueles que ensinam com uma liberdade do pensamento vivo, sem a única preocupação de produzir frutos, de memorizar pra que serve. De um lado, afirmação: a água nasce da fonte. E do outro, uma questão: água não nasceee...? Voz curiosa que soava em reticências. Como escrever essa entonação...? Limite também das palavras, da gramática, do ensino que fixa, estrutura, é sintaxe, mas não nos retira a sensação, a beleza, o riso, a provocação de ideias que vazam pelos poros de um devir-criança, e, pelas modulações de uma gota, pedaços de formas, roubos, matéria de expressão, outras maneiras, outras línguas que evaporam e deixam as possibilidades de chuva, do novo, outras transformações.

As águas que forçam as paredes, as grades curriculares, os saberes didáticos presos somente à lógica do conteúdo disciplinar definido pelo adulto (água leva aos cuidados com o

corpo, aos meios de transportes...) podem problematizar que outros pensamentos, o que “mais no mesmo”? Elas, também produzem fugas, desvios, e, deixam vaziar outras expressões, outros afetos, outras linguagens. Surfar com as crianças exige “furar ondas” e mesmo que clandestinamente, se for o caso, cantar *Meteoro da Paixão*. O que estamos cartografando?

Seguimos a linha... Atividades de aula... acontecimentos entre o tempo de escrever frases-feitas a respeito da relação da água com o corpo e o espaço inventivo das crianças. Elas olhavam a gravura, cena que revelava uma ação entre água e corpo (Exemplo: *escovar os dentes*). A cada gravura, escolhiam um nome para o desenho da criança em ação (Assim escreviam o que a gravura significava – “Pedro escova os dentes”). Muitos nomes nadaram na boca das crianças... Pedro. Lucas. Thiago. Mariana e outros. Em uma das gravuras, disseram: “Luan Santana”. *Te dei o sol te dei o mar pra ganhar seu coração...* dispararam cantando *Meteoro da Paixão* (Música do cantor Luan Santana). A professora sem pestanejar diz: *Luan Santana não escrevo. Escrevo Luan*. Questão de gosto-estilo musical? Essência X Desejo? Regras? Rótulos? O que é válido e o que não pode ser? Escrita=Modelo? Que diferença está em jogo?

Permitido mundo adulto de muitas vezes não entrar na dança, no ritmo, na intensidade de cantar outros nomes, mesmo que já consagrados pela mídia, porém, remixissados nas vozes, nos gestos, nos imprevisíveis versos das crianças. “Não é em sua gramática nem em sua materialidade nua que encontramos a vida das palavras. As palavras são sempre as mesmas; seu sentido porém é diferente a cada vez que são pronunciadas ou ouvidas (LOPÉZ, 2008, p.10)”.

Ao nos olhar, a professora meio sem saída fez uma indagação: *Viu, quem manda deixar eles darem ideias*. É constante a intervenção das crianças, também ampliada pela abertura da professora, no entanto, surfar com eles nos desequilibra o tempo todo. Muitas das nossas tentativas de ouvir o outro reforça a prática de deixar o pensamento viajar-criar até um certo ponto. Limitamos a arte de ouvir. Impomos limite ao que escutamos com base nos julgamentos que fazemos. Ouvimos a partir do nosso ponto de vista. Aventuramo-nos pouco quando o pensamento se torna restrito a um modelo ou a uma lógica. Talvez, a música, o canto, como um ritornelo, nos convoque a uma experiência de “vivenciar os vácuos e, de dentro deles, buscar matéria de expressão para administrar as partículas de afeto enlouquecidas, dando-lhes sentido (ROLNIK, 2007, p.75)”.

[...] abre-se para o pensamento a possibilidade de ultrapassar os limites do visível e de participar da *processualidade de elaboração de cartografias* e de constituição de territórios, embarcando nas linhas de fuga, enfrentando os impasses de sentido e para eles inventando saídas, a cada vez que se apresentam (ROLNIK, 2007, p. 74, grifo do autor).

_ *Vou dá atividade de escrever até cansar a mão.*

_ *Eu nasci pronta para vencer... eu adoro ganhar, mas eu perdi.*

_ *Hoje estou mal humorada porque minha mãe fala todo dia (tênis, tênis, tênis...).*

Impasses de sentido transitam entre os desejos e as possibilidades de produzir uma vida bonita. Nos versos que cantam em língua múltipla, uma polissemia de sintomas, de intenções, de planos de existência, de entrega e de defesa, entoam modos de ser e de fazer. Um jogo com elementos que afirmam a vida e a sufocam. Uma vida filosófica “exige haver-se com os outros. Por isso, o choque é inevitável, porque seu modo de vida afeta significativamente o modo como os outros vivem (KOHAN, 2009, p. 31)”. Arte de viver com o outro, com o que o outro sente, pensa e faz. Olhar vibrátil que escapa em alguns momentos do “ver para crer”, e, assim, vibra em outras dimensões, propaga outras formas de compor o humano, demasiadamente humano.

Língua em tom de controle joga na contramão do desejo: “*vou dá atividade de escrever até cansar a mão*”. Um choque diante da proposta diferente que a professora dizia querer fazer. Começa a aula, todos em roda, e, a professora faz uma observação importante, *hoje vamos fazer uma atividade diferente*, brincar de “morto/vivo” e da “dança da cadeira”. As crianças mais do que eufóricas aprovam a atividade. Curioso que na didática da sala de aula atividade é sinônimo de conteúdo disciplinar. Então, a brincadeira, como as outras atividades, precisa ser justificada a um sistema de valores. A professora reforça a ideia de ser diferente o momento da sala, mas é atividade, reconhecimento que pertence ao modelo disciplinar.

Brincar produz vida, alegria, experiência de dar-se ao encontro, e, também, cria tantos sentidos, já que, mesmo sendo tão bom brincar, nem todas as crianças querem entrar nessa roda. O compromisso é lançado pelo desejo que se enlaça em uma constituição de si na brincadeira. Mais ou menos importante do que sistematizar a utilidade definida para o rotulado desenvolvimento da atividade cognitiva.

Alegria, alegria. Força que desequilibra. Dia de uma atividade diferente que também estressa, e, com tanta euforia pelo novo espaço de brincadeira, uma fala: “*se continuar essa bagunça... vou dá atividade até cansar a mão*”. Estranho, confuso, incoerência atitude de fazer diferente sem ser diferença. Toda a aposta em uma atividade diferente parecia criar expansão da vida, possibilitava graus de latitude aquecedores, uma alegria de ser criança, e, ao mesmo tempo, jogava com as armas do mestre que todos devem seguir, obedecer, silenciar-se diante dele. Mestre que sabe um saber, grita uma lei, extravia a relação com o saber, com o outro. Brincadeira diferente que diz tantas mesmas coisas. A atividade não foi de cansar a mão, mas deixou em alguns, aquele mal estar de perder (coisas da vida para alguns e opressão para

outros). Muitos também deixavam a brincadeira e corriam em disparada, quando de dentro da mochila de alguém, saía, aí sim, algo diferente/inesperado, não porque visto pela primeira vez, mas porque contagiava com desejo de brincar junto.

Entre mortos e feridos muitas polêmicas, sentimentos de fracasso, choros de insatisfação, indagações cortantes: *“eu nasci pronta para vencer... mas eu perdi”*. Grito sofrido de uma criança catequizada para vencer de qualquer maneira. A questão entre perder e ganhar, aceitar e resistir, rir e chorar podem nos dizer acerca de alguma atividade/conteúdo? Entrar na escrita dessas “mãos cansadas” que versam com suas inquietações/gritarias marcadas por outros desejos pode produzir diferença? Atividade e sentido, morte e vida, vazios, ausências, cuidado, arte de si, enfretamentos e outras atitudes com a infância que pensa um pensamento que não se pensa. Infância desejanse de mostrar certo modo de andar pela vida.

Nem sempre queremos o que parece ser corretamente necessário. “Um ganha e o outro perde”, “hora de sair da brincadeira”, “chorar não vai resolver nada...” Alimentamos discursos-idealistas, procedimentos da boa convivência. Fazemos isso, falando de um modelo para Ser bom, honesto, saber perder. Como nos afetamos quando a lei não segue esse esquema e o caos está armado?

Há que produzir afetos. Deixar passar afetos. Na língua das crianças aprendemos que “as palavras são sempre as mesmas, mas o sentido do que dizem morre e renasce a cada vez, na voz de cada locutor, em cada palavra que se diz ou se escuta, em cada palavra que se escreve ou se lê (LÓPEZ, 2008, p. 70)”. Chegar à escola, e dizer com as mãos entre a cabeça: *“Hoje estou mal humorada... porque minha mãe fala todo dia... tênis, tênis, tênis”*. O que dizem as palavras? Para a mãe, há que seguir uma tarefa, um compromisso. Em relação ao desejo, as palavras querem tomar um ar, estarem soltas ao sabor do vento. Desejo que se aproxima dos pés das crianças, dos deslizantes passos por liberdade. Para o cartógrafo, que acompanha e vive os movimentos alternados das palavras e do que elas também podem dizer ainda, uma sensação de simulacro produz no seu corpo os gestos da criança (mãos entre a cabeça também), sem saber o que dizer, sentindo o limite da regra e do desejo... ainda há que deixar passar afetos.

Assim, as regras também formam modos de vida, elas ficam e passam e deixam passar outras. Em poucos minutos, o tênis já estava no cantinho da sala ou dentro das mochilas (a pedido da professora). Regra de vida. Regras possíveis. Também pode levar chinelo para escola e, após entrar na sala troca de sapato, troca de experiência, troca de pele, troca de expressão. Quando a troca é boa, aumenta a potência de agir de quem acredita na força da vida, da presença ausente dos movimentos de uma “atividade-em-devir” que sacode e ameaça o dever. Ausência que insiste entre viver e morrer. Vazios que encontram expressões em não-lugares, em palavras

inauditas, em pensamentos de intensidades aiônicas. Desejo de uma vida, uma arte, estilo outro: “toda sensação se compõe com o vazio, compondo-se consigo, [...] se conserva no vazio, conservando-se a si mesmo (DELEUZE, 1997, p. 215)”.

Encontro de corpos. Troca de afetos que produz afecções. O encontro poder ser bom ou mau. Não no sentido de uma disputa entre o bem e o mal, mas, do aumento ou da diminuição da potência de agir (MACHADO, 2009). Bons encontros deixam passar alegria, vigor, contentamento, sensação de liberdade, vontade de potência, possibilidades de compor uma vida bonita, e, maus encontros, despotencializam, esgotam o bom humor, a beleza, a tranqüilidade. Corpos que se afetam, então, acionam, aceleram, ativam um devir-outro intenso em cada estado característico da potência de ser.

A vida não para..., nem os encontros-experiências. Uma maré arrasta as palavras carregadas de afecções. Entre um pouco mais de conversa, ‘Pedro’, narra aventuras em alto mar de uma pescaria tumultuada e confusa que seu pai havia vivido. Como ele conta, a maré não estava pra peixe. Eram ondas de fabulações, vai e vem de movimentos que se abrigavam com a roupa da lua. Fabulações criadoras (DELEUZE, 1997).

Com o desejo de participar da processualidade de elaboração das cartografias entramos na maré da conversa de Pedro, com o elemento talvegue³⁵, linha que talvez nos leve por meio improvável aos deslocamentos das águas dos afluentes da língua que aprendemos a encontrar. Pedro joga com a maré o tempo todo. O que pode uma maré? Comprometemo-nos em levar um notebook para que a vida da maré fosse ampliada com imagens, vídeos, outras conversas. Maré vai, maré vem (aprendemos que baixamar: nível mínimo de uma maré vazante; e preamar: nível máximo de uma maré cheia – pesquisa google) ainda não havíamos levado o notebook, mesmo com todas as cobranças. Em um encontro performático, ‘André’, de longe, faz gestos com os dedos indicando o movimento de usar o teclado do computador. O olhar, mesmo a uma distância, pedia cumplicidade, trazia uma maré carinhosa de cuidado de si e do outro. Foi um gostoso gesto de espera confiante na mudança da “lua”, ou seja, na mudança de atitude: voltar em casa e buscar o computador. Lua nova, notebook ligado, múltiplas marés foram agenciadas. Linhas que se encontram. Aprender e ensinar intempestivamente.

Pedro em suas fabulações agenciou na vida do cartógrafo algumas buscas, ideias, outras leituras. Sendo assim, aproximar dos conceitos acerca dos movimentos da maré (baixamar e preamar), bem como da definição do elemento talvegue, inspira um devir-maré que fala de encontros, passeios, viagens de uma relação com o saber. Geografia de pensamentos. Bom

³⁵ Talvegue é a linha que se encontra no meio da região mais profunda de um rio e onde a corrente é mais rápida. (Wikipédia – enciclopédia livre)

encontro com a pesquisa-conhecimento. Aumento da potência de agir do cartógrafo.

Em relação aos pensamentos sinuosos das crianças, águas de possibilidades, escoavam por entre linhas inimagináveis. As imagens e os vídeos apresentados com o notebook começavam pela maré das aventuras do rio, mas incitaram com o elemento navio velocidades que aos poucos foram arrastando ideias possíveis para se navegar em outros mares. A questão não é tanto saber se é baixamar ou preamar que provocam o desequilíbrio do navio, mas a intensidade de vida que o navio fulgura. De Navios a Moranguinho (personagem-boneca), de Dinossauros a Barbie, de tudo um pouco, de gostos que não se discute, antes se experimenta. Imagens que afundavam o navio das convencionais marés.

Essa parece uma das improváveis navegações que tentamos embarcar: correr rio a dentro, a pé enxuto (sem nossas identificações representacionais) com as palavras de outras fontes, outras nascentes, aquelas que as crianças saltam, deslizam, surfam sem medo. Resistências... enfrentamos, euforia... também nos agitou. Pensamos levados em uma maré e em tantos maremotos. Tentamos nos mover por abismos com diferenciadas problematizações encachoeiradas. Língua para outras passagens. Vida e morte. Marés de experimentações, águas que jorram de singularidades infantis. Encontros-ideias que passam e ficam.



FIGURA 1: A noite estrelada (VAN GOGH, 1889).

POTÊNCIA DE VIDA E ALEGRIA

Ando à procura de espaço para o desenho da vida
(CECÍLIA MEIRELES).

O encontro com o pensamento de Deleuze entre mil e uma ligações com Spinoza e Nietzsche alcança o desejo da infância em sua condição de aumento da potência de agir, intensidades de sons e cores, traços que compõem modos de ser e de agir como expansão da vida. Encontro que ativa inúmeras fontes revolucionárias capazes de ressoar uma atmosfera de liberdade no tempo definido e sistematizado da educação infantil. A vida, o acontecimento é o que ultrapassa os limites de uma escola centralizada, totalitária e terrificante. Uma escola definida por estruturas rígidas, linhas duras, espaço molares, condição de ameaça à própria vida, como retrata Deleuze (2002, p. 10): “Enquanto o pensamento for livre, portanto vital, nada estará comprometido; quando deixa de o ser, todas as outras opressões tornam-se igualmente possíveis, e, uma vez realizadas, qualquer ação se torna culpável, e toda a vida ameaçada”.

Pensar a liberdade e seus efeitos no território da educação infantil torna-se escolha e aposta por um estilo ético e alegre de ser, no sentido de adesão à potência da vida e da política. Estilo envolvente, escorregadio, deslizante pelo campo de luta entre modelo pedagógico e inventividade. Enquanto modelo, a educação infantil promove o conhecimento arbóreo, do uno, seqüencial, fixo na linearidade que excede da relação hierárquica de quem sabe (professor) para quem não sabe (aluno). Por outro lado, o conhecimento invenção percorre o processo de criação da vida que se agencia na multiplicidade de sentidos e de ações que compõem a relação heterárquica, em vez de fixar, dispersa, inventa conexões, expande-se.

Um estilo que evoca tantos encontros, tantas possibilidades de uma educação infantil desenhada talvez por linhas tortas, ou linhas de fuga, aquelas que perfuram o modelo, a rigidez da rotina, da fala geral, dos universais, exemplos da boa disciplina, obediência, da criança feliz e pura, da razão que domina e escraviza. Um jeito acidental de compor perfurações artísticas de camadas estratificadas, como superposições que podem ser produzidas com a exigência de traçar outros mapas, bem como trilhar rotas labirínticas do acaso, do inusitado e do imprevisível, modo de cantar e entoar a vida que segue tantos contornos, tantas saídas. Vida que escapa à representação do que apenas normatiza e moraliza e se seduz para algo de criação, de ético, aqueles bons encontros que ativam o devir. Trazendo Corazza (2003, p.85) “[...] havia sempre um Devir-Louco, um Devir-Ilimitado, um Devir-Sempre-Outro, um Devir-Subversivo das profundidades, habilidoso para esquivar o Igual, o Limite, o Mesmo, o Semelhante. De modo que este infantil era sempre Mais e Menos-Adulto, ao mesmo tempo, nunca Igual-a-Ele”.

Com a liberdade vive-se de uma alegria que aumenta a potência de agir; provoca deslizamentos, abraça o infinito. Maneira de ser, aposta ética das palavras que nos constitui, “não somos nós quem afirma ou nega jamais nada de uma coisa, mas é ela mesma que em nós afirma ou nega algo de si mesma”. (DELEUZE, 2002, p. 63). Coisa ativa que se expande com a multiplicidade do pensamento-tempo-experiência da infância enquanto capacidade de afetos. Vida e a Alegria que se conjuga com o verbo devir. Pensamento que brinca.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Antonio Carlos; OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Extremos e Conectados. In: AMORIM, Antonio Carlos; GALLO, Sílvio; OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de (orgs). **Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...** Petrópolis, RJ: De Petrus, Brasília, DF: CNPq, 2011.
- CORAZZA, Sandra. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 4ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo; Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** RJ: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA; Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. BH: autêntica, 2005.
- _____. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. BH: Autêntica Editora, 2009.
- KOHAN. Walter (org). **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LÓPEZ, Maximiliano Valério. **Acontecimento e experiência no trabalho filosófico com crianças**. BH: Autêntica Editora, 2008.
- MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. RJ: Jorge Zahar Ed, 2009.
- MACHADO, Roberto. **Deleuze e a filosofia**. RJ: Graal, 1990.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SCHÉRER, René. **Infantis: Charles Fourier e a infância par além das crianças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Educação: Experiência e Sentido).